



## OFICINA DE LEITURA NA EJA – SABERES LINGUÍSTICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS A PARTIR DE "QUARTO DE DESPEJO"

JOSENICE OLIVEIRA CARDOSO DOS SANTOS<sup>1</sup>; AMILTON ALVES DE SOUZA<sup>2</sup>;  
ALEXANDRO SANTOS MÁXIMO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos (PPGEJA) pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), GEPEJA. [josenice.cardoso@yahoo.com](mailto:josenice.cardoso@yahoo.com);

<sup>2</sup> Doutor pela Universidade Federal da Bahia, UNEB, GEPEJA, [amiltonalvess@hotmail.com](mailto:amiltonalvess@hotmail.com);

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos (PPGEJA), GEPEJA, [maximusdesigner@gmail.com](mailto:maximusdesigner@gmail.com)

EIXO TEMÁTICO 1: SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES  
ÉTNICO RACIAIS

**Introdução:** A experiência relatada ocorreu no Colégio Estadual Monteiro Lobato, na Etapa V da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno, sob a orientação da professora Josenice Cardoso. A oficina de leitura, intitulada “**Desenvolvendo saberes linguísticos, políticos e sociais na EJA a partir do livro *Quarto de despejo – Diário de uma favelada***”, foi desenvolvida ao longo de 30 aulas, entre julho e setembro. O ponto de partida foi o reconhecimento do potencial da literatura marginal como instrumento de reflexão crítica e emancipação, conforme propõe Paulo Freire (1996), ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, buscou-se promover uma prática pedagógica dialógica e crítica, centrada na experiência de vida dos educandos e nas múltiplas linguagens que atravessam seus cotidianos. **Objetivos da Experiência:** O objetivo geral foi implementar o discurso oral e escrito segundo a norma social da língua, desenvolvendo competências comunicativas e interpretativas por meio de obras literárias socialmente situadas. Entre os objetivos específicos, destacaram-se: Compreender e discutir o uso adequado da linguagem formal e informal; Conhecer a vida e a obra *Quarto de despejo*, de Maria Carolina de Jesus; Estabelecer relações entre o cotidiano vivido por Carolina e a realidade comunitária dos estudantes; Produzir textos com abordagem social, respeitando a norma-padrão da língua. **Metodologia:** A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, com foco descritivo e participativo. Os instrumentos utilizados foram a observação participante e o questionário aberto, permitindo acompanhar o desenvolvimento das aprendizagens e a evolução da percepção crítica dos estudantes. As atividades envolveram leitura coletiva da obra *Quarto de despejo*, exibição de documentário sobre a autora, produção escrita e análise de textos diversos, como o poema “**Identidade**”, de Pedro Bandeira, a canção “**Tem que sorrir**” (Jorge e Mateus) e o texto informativo “**O celular em nossa vida**”. Essa abordagem interdisciplinar buscou articular literatura, sociologia e linguagens cotidianas, favorecendo a aproximação entre leitura, identidade e território. **Relato das Experiências Dialógicas:** A proposta das atividades consistia em desenvolver habilidades de leitura e escrita, mas, paralelamente, pretendia-se estimular a reflexão sobre a própria realidade,



confrontando-a com a de Maria Carolina. Desejava-se que os estudantes compreendessem como a leitura e a escrita empoderam e libertam aqueles que delas se apropriam.

Embora a principal obra a ser estudada fosse o livro *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, considerou-se necessário o estudo de outros textos. Estes foram importantes para desenvolver a valorização de si enquanto sujeito no mundo. No decorrer dos encontros, observou-se que alguns estudantes apresentavam baixa autoestima, o que chamou a atenção e motivou a exploração do tema identidade. Utilizou-se uma obra literária contemporânea do autor Pedro Bandeira, que, em 1985, publicou o poema “**Identidade**”. A proficiência ou domínio da leitura se constrói ao ouvir um leitor experiente; por isso, na condição de professora da turma, realizei a primeira leitura do poema. O objetivo, naquele momento, não era declamar, mas trazer ao centro da conversa o quanto é fundamental a compreensão e reflexão de um texto, a pronúncia correta das palavras e o respeito à pontuação. Antes de iniciar a leitura, explicávamos aos estudantes os objetivos que buscávamos alcançar, para que soubessem a que deveriam se atentar no momento da escuta. Apropriando-se também da ideia do autor, discutimos a nossa existência, o que nos faz gente, o que nos constitui seres humanos. A valorização que temos de nós perpassa o olhar do outro sobre nós, segundo a maioria dos estudantes. A partir daí, falamos de imagem, aparência, racismo, herança colonial, papel da mídia e resiliência. Sentir-se bem com a aparência parece ser uma necessidade humana, segundo o psicólogo Abraham Maslow (1943). A estima de si está entre as hierarquias das necessidades humanas, conhecida como Pirâmide de Maslow. De fato, independentemente da classe social, grupo étnico ou religioso, nos preocupamos de alguma maneira com nossa aparência. Contudo, a forma como nos vemos não é livre de marcadores sociais. O sistema colonial e a herança espalhada em todo o Brasil disseminaram racismo, estereótipos e estigmas aos modos de ser e de viver de pessoas negras — algo tão bem engendrado que afeta a forma como os próprios negros se veem. Nos diálogos em sala, os estudantes trouxeram relatos pessoais de como se sentiam e como se sentem atualmente por carregarem o tom de suas peles. Alguns pardos, outros retintos, relataram que, a depender do local onde circulam, como shoppings, são tratados com desconfiança, recebendo olhares de pouco apreço por seus cabelos e características físicas. Em todos os encontros com a turma, reservamos cerca de 20 minutos ou mais para a leitura do livro *Quarto de despejo*. A autora Maria Carolina de Jesus traz o racismo em suas múltiplas formas e relata situações de desrespeito que lhe ocorreram. Uma garota a chamava de “negra fedida” (Jesus, 2014, p. 23). A violência policial contra pessoas negras se manifesta na narrativa quando um guarda civil espanca um homem negro — gesto desumano que revela o racismo como mecanismo estrutural da sociedade. Carolina fala sobre a falta de saneamento, a pobreza e a fome como problemas que atingem, sobretudo, a população negra. O Estado, representado na figura dos políticos, removia os pobres dos centros urbanos e os realocava em favelas, como a extinta Canindé, onde morou Carolina com seus três filhos. Os estudantes da EJA com quem dialogávamos relataram que a violência policial ainda é frequente no bairro onde moram e em diversos pontos da capital baiana. O alvo principal são jovens negros empobrecidos. Às vezes, essas autoridades não permitem sequer que o abordado fale ou exponha sua versão sobre determinado fato. E, se correr, já se sabe: o tiro é certo, quer seja culpado, quer não. Sobre o deslocamento de pessoas do centro para as favelas, como aconteceu com Carolina e sua família na década de 1950, os estudantes relacionaram essa situação à vivida por pessoas em situação de rua em Salvador.



Aqueles que têm as ruas como suas casas podem ser vistos cotidianamente na cidade, mas, ao se aproximar o período de festas e a chegada de turistas, muitos são conduzidos para centros de acolhimento — conforme relatou a própria prefeitura, em página oficial na internet, em 2022 — sob uma ótica de cidadania e complacência com os que estão em condição de rua. A reflexão sobre o fato não é o acolhimento em si, mas o momento e a finalidade dessa ação. As pessoas não deveriam viver nas ruas por conta da estética urbana ou do paisagismo que são afetados. Elas não deveriam estar nas ruas porque moradia, isto é, uma casa, é um direito humano fundamental. Embora esse seja um problema complexo, que envolve perda de trabalho e renda, conflitos familiares, violência e abuso de álcool e drogas, o Estado precisa desenvolver políticas intersetoriais que reduzam e combatam esse problema crescente em Salvador e nas demais capitais do país. O racismo estrutural observado e denunciado por Carolina aparece em diversos momentos na obra *Quarto de despejo*. Trata-se de uma organização social que privilegia determinado grupo de pessoas, construindo um imaginário coletivo sobre isso. Transmite a naturalidade de que espaços de autoridade sejam ocupados por brancos; por isso, é incomum ver negros, principalmente retintos, em cargos de chefia no Judiciário, por exemplo. Durante as conversas em sala de aula, os estudantes relataram o quanto é difícil a mobilidade social. Dar atenção aos estudos, ao vocabulário e à escrita nem sempre é suficiente em uma entrevista de emprego, relataram. À medida que realizávamos a leitura do livro e assistíamos aos documentários, Carolina parecia ser uma inspiração para todos nós. Fomos nos familiarizando com a autora a cada encontro. Toda essa construção social, que estigmatiza e inviabiliza pessoas, as afeta internamente. Ouvimos relatos de jovens negros que travam combates consigo mesmos, reafirmando diariamente que também são inteligentes, que conseguirão concluir a educação básica e que possuem sua própria beleza. Percebemos que esse foi um momento de fortalecimento e de vínculo entre nós. Em um texto dissertativo, previamente orientado, escrevemos sobre como nos vemos e como a sociedade nos vê. Ao final da escrita, os estudantes e eu, professora, lemos nossos textos uns para os outros. Os encontros em que lemos, refletimos e discutimos sobre identidade e questões étnico-raciais, tendo como pano de fundo o livro *Quarto de despejo*, fizeram-nos compreender que o racismo não é algo do passado: ele persiste e se manifesta, afetando a autoestima e a forma como nos vemos. Ainda estrutura a sociedade, demarcando espaços políticos e sociais e criando barreiras de acesso a outros níveis de cultura, educação e avanços sociais e econômicos. Assim como Carolina, é preciso resistir. A leitura assume um papel fundamental porque potencializa os conhecimentos que já se têm, possibilitando uma compreensão crítica do vivido. Isso permite questionar as injustiças. A escrita pode atuar como meio de denúncia, fortalecendo a voz dos sujeitos que, assim como Carolina, são marginalizados pela sociedade. **Resultados e Aprendizagens:** A experiência evidenciou avanços significativos na expressão oral e escrita dos estudantes, bem como no reconhecimento da literatura como espaço de fala e resistência. Muitos participantes relataram identificar-se com a história de Carolina de Jesus, especialmente no que diz respeito à luta diária por dignidade e reconhecimento. Constatou-se também que a leitura de textos marginais amplia a consciência crítica sobre as desigualdades sociais, estimulando o posicionamento político e ético dos educandos. A avaliação processual indicou melhoria na coesão textual e na autoconfiança dos alunos em atividades de leitura e produção de texto. **Desafios Encontrados:** Os principais desafios envolveram a heterogeneidade do grupo e as dificuldades de letramento decorrentes de longos períodos de afastamento escolar. Foi necessário adaptar estratégias de leitura e retextualização, promovendo um ambiente



acolhedor e colaborativo. Outro obstáculo foi o tempo reduzido para o aprofundamento teórico e a análise crítica da obra, exigindo da docente uma gestão cuidadosa do tempo pedagógico. **Considerações Finais:** A oficina demonstrou que a literatura marginal pode ser uma potente ferramenta de educação linguística e social na EJA, por conectar o universo simbólico dos estudantes às práticas de leitura e escrita. A experiência reforça a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização das vozes subalternizadas, em consonância com o pensamento de Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (1996), para quem a educação é um ato político de libertação. Como continuidade, recomenda-se ampliar o projeto para outras turmas, incorporando novas obras e linguagens (música, cinema, podcast) e fortalecendo o vínculo entre leitura, identidade e cidadania.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos (EJA); Identidade e autoestima; Literatura marginal: Racismo estrutural.

## Referências

BANDEIRA, Pedro. Identidade. In: Poesia para Crianças. São Paulo: Moderna, 2009.

BANDEIRA, Pedro. Identidade. In: \_\_\_\_\_. Cavalgando o arco-íris. São Paulo: Moderna, 1985.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MASLOW, A. H. Motivation and personality. Nova York: Harper & Row, 1954